



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

DIÁC. WELLINGTON GONÇALVES PEREIRA

O MISTÉRIO TRINITÁRIO EM JOSEPH RATZINGER

ANÁPOLIS – GO

2015

DIÁC. WELLINGTON GONÇALVES PEREIRA

O MISTÉRIO TRINITÁRIO EM JOSEPH RATZINGER

Trabalho de Conclusão de Curso
para a obtenção do diploma de
graduação no curso de bacharelado
de Teologia na disciplina TCC DA
Faculdade Católica de Anápolis.

Orientador Prof. Dr. Fr. Flávio
Pereira Nolêto, O.F.M.

ANÁPOLIS - GO

2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

DIÁC. WELLINGTON GONÇALVES PEREIRA

Trabalho de Conclusão para
obtenção de diploma de graduação
no Curso de Teologia da Faculdade
Católica de Anápolis apresentado
em ____ de _____ de ____ e
aprovado com a nota ____.

BANCA EXAMINADORA

1. _____

2. _____

3. _____

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e da vocação.
Ao meu Santo Anjo da Guarda por ser meu paciente e zeloso companheiro.
À Ordem da Santa Cruz por todo auxílio que prestaram na minha formação.
À Faculdade Católica pela oportunidade deste estudo.
Ao meu orientador pela sua disponibilidade, paciência e dedicação.

O MISTÉRIO TRINITÁRIO EM JOSEPH RATZINGER

DIÁC. WELLINGTON GONÇALVES PEREIRA

RESUMO

Nesta obra, caracterizará e enfatizará o pensamento de Joseph Ratzinger a respeito de um tema muito polêmico entre os teólogos e especulativo. Falar quem é Deus em sua essência é algo muito complicado, uma vez que por se tratar de mistério, não é possível ter um conhecimento pleno de toda a realidade divina. Deus é simples, mas para conhecê-lo faz-se necessário que ele se revele e faça com que o homem compreenda o que ele revela. O homem tem essa necessidade de ter Deus, de buscar a Deus. A visão que muitos tem a respeito de Deus, tem se tornado cada vez mais obscurecida, pelo simples fato de que não conseguem compreender o ser de Deus. O fato é que, por não entenderem a própria revelação dão uma resposta vaga ou inexistente, ou na grande maioria das vezes negam a existência desse Deus, tido por muitos como o Deus dos filósofos, outros o Deus dos cristãos. Ao longo da explanação observar-se-á que não há resposta da forma como muitos teólogos e especialistas querem, mas tudo se remete a aceitar uma realidade superior a mentalidade humana.

Palavras chaves: Deus, trindade, mistério, revelação, existência.

ABSTRACT

In this work, feature and emphasize the thought of Joseph Ratzinger regarding a very controversial issue among theologians and speculative. Speak who God is in its essence is very complicated, since because it is mystery, you can not have a full knowledge of all divina. Deus reality is simple, but to know it is necessary that he reveal and make the man understand what he says. The man has this need for God, to seek God. The vision that many have about God, it has become increasingly obscured by the mere fact that they can not understand God's being. The fact is that by not understanding the revelation itself give a vague or no answer, or in most cases deny the existence of God, regarded by many as the God of the philosophers, the other God of long explanation cristãos. Ao watch If there is no will shape answer as many theologians and experts want, but it all leads to accept a higher reality the human mind.

Key words: God, Trinity, mystery, Revelation, existence.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Jo – João

p. – página

cf. – conferir

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	9
1 REFLEXÕES DO MISTÉRIO TRINITÁRIO À LUZ DA INTRODUÇÃO AO CRISTIANISMO -----	10
1.1 QUEM É DEUS-----	10
2 UM DEUS QUE SE REVELA -----	14
2.1 CONHECER PARA AMAR-----	16
3 DEUS ONIPOTENTE -----	20
3.1 O DESEJO DO HOMEM POR DEUS-----	23
3.2 DEUS UNO E TRINO-----	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	28
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA -----	29

INTRODUÇÃO

O Mistério Trinitário é um campo da teologia especulativo, que requer uma atenção redobrada e argumentos para evitar que se caia em heresias. O intuito desta exposição será apresentar a linha de pensamento do Cardeal Joseph Ratzinger em relação a esse tema, cujas obras são vastíssimas.

Em um primeiro momento, deter-se-á no estudo completo a respeito de quem é Deus, tendo como base o livro Introdução ao Cristianismo, do próprio autor citado acima, cujo teor servirá para adentrar-se numa clara reflexão a respeito do termo pessoa, vista na sua singularidade e a relação que possui em conjunto.

O paradoxo da fé bíblica em Deus está na integração e na unidade dos dois elementos mencionados, ou seja, acredita-se no ser como pessoa e na pessoa como o ser mesmo; só o oculto é visto na fé como o verdadeiramente próximo, só o inacessível é visto como o acessível, e o uno indefinido é visto como o uno pessoal que é para tudo e para o qual são todos (RATZINGER, 2005, p 101).

Deus será visto através de suas qualidades, dando espaço para um esclarecimento do tema Unidade e Trindade.

O conhecimento natural de Deus nesta vida não é imediato nem intuitivo, mas mediato e abstrativo, pois o alcançamos por meio do conhecimento das criaturas. O conhecimento de Deus que possuímos aqui na terra não é próprio, mas analógico (DANKL, 2015, p 19).

Após todo este embasamento refletido, a exposição seguirá a linha do pensamento retratado tanto nas catequeses por ele realizadas, quanto nas homilias decorrentes da festa da Santíssima Trindade. Será observado no tempo como Cardeal quanto no Papado, uma vez que se trata da mesma pessoa, e não se pode excluir uma realidade da outra, pois trata do mesmo sentido de pensar em realidades vividas diferentes.

1 REFLEXÕES SOBRE O MISTÉRIO TRINITÁRIA À LUZ DA INTRODUÇÃO AO CRISTIANISMO

Ao entrar no tema sobre Deus, observar-se-á que o grande problema é todos que tentaram dar uma explicação a respeito desse tema, mostraram que não conhecem Deus, não sabem quem é. De onde veio. Como surgiu. A grande falha acontece porque resolveram dar um sentido a partir o que imaginam, e não foram a fundo num aprofundamento sobre o tema.

1.1 QUEM É DEUS?

Deus parece um ser distante, um ser difícil de entender na linha de pensamento dos grandes estudiosos. Observa-se que este tema causa muitas indagações. O que seria esta causa? A resposta pode ser dada ao analisar porque Deus deixa sua marca na história da humanidade.

Essas indagações podem ser vistas a partir de suas raízes. O tema Deus é tirado de uma redução de três formas: monoteísmo, politeísmo e ateísmo (cf. RATZINGER, 2005, p. 77). Claro que não se limita somente a estas proposições, mas as tem como base de profundo estudo.

Quando se fala de ateísmo, se fala de um sentimento desordenado de eliminação desse assunto, embora tantas vezes tente explicar a não existência de Deus.

Tem-se como ponto de partida para o esclarecimento do assunto a tentativa de um fenomenólogo de abarcar a afirmação da existência de Deus no teor paradoxal: história das religiões (cf. RATZINGER, 2005, p. 78). Nessa perspectiva abre-se leque para a diferenciação entre Deus Filho e Deus Pai. A discussão gira em torno da ordem de quem veio primeiro. Porém não pode ser analisado do ponto de vista cronológico, uma vez que, está sendo revisada num outro âmbito, embora o termo 'antes', seja usado para os dois.

Seguindo por essa linha de pensamento histórico-existencial, chega-se a proposição da dependência de um ser inferior, neste caso a raça humana, por um ser superior. Essa dependência só pode ser vista a partir de uma experiência vivida, ou seja, de um encontro com aquele do qual depende.

Assim, é preciso deixar de querer ver Deus somente nas horas difíceis e alcançar algo maior. O que se está dizendo é que Deus não é simplesmente refúgio, 'válvula de escape', de modo que tudo o que der errado entrega para Ele e quando não tem problema esquece-se dele.

Essa existência da qual se fala, precisa ser entendida a partir dos acontecimentos na vida humana, e assim,

Sempre que os homens experimentaram a existência em sua plenitude, riqueza, beleza e grandeza, eles se deram conta de que essa existência era uma existência pela qual deviam ser agradecidos, pois justamente em sua claridade e grandeza não é uma existência que o ser humano dá a si mesmo e sim uma dádiva que se adianta a mim, recebendo-me com a sua bondade antes de qualquer iniciativa de minha parte e exigindo que eu dê sentido a tamanha riqueza, para eu mesmo ganhar sentido (RATZINGER, 2005,p.79).

Outro modo de ver essa situação é o tema da solidão. O ser humano não foi feito para ficar sozinho, ele precisa estar em comunhão com outros, seja da mesma espécie ou por um ser superior. O homem é um ser social e por isso necessita estar em contato com alguém. Ao deparar com essa realidade percebe o quanto o homem pode facilmente se sentir vazio, precisando de algo que o satisfaça e preencha. Nesse instante toma lugar na sua vida à 'plenitude do amor', ou seja, aquilo que o homem não é capaz de explicar, mas apenas vivenciar (cf. RATZINGER, 2005,p. 80).

Além dessa forma de conhecimento já mencionado, o homem pode se valer da experiência que o próprio mundo oferece. Através dela, o ser humano pode conhecer uma força criadora que foi origem de tudo. Assim é de se admitir que a criação possua um autor, cuja denominação cristã dá-se Deus.

Ao se deparar com essa circunstância, percebe-se o quanto o tema Deus, apresentado no monoteísmo, politeísmo e ateísmo, é parecido. Um afirma Deus, o outro afirma vários deuses e o outro nega Deus. Todos tratam a

respeito do mesmo assunto: Deus. O que mostra que existe um ser divino que é capaz de interferir na vida humana, nem que seja negando.

Está bem claro que a unidade e singularidade defendida pelo monoteísmo aparecem no politeísmo, pois por trás de toda argumentação de deuses que movem o mundo, existe uma força única que é fonte e origem do poder desses supostos deuses. E o ateísmo, na sua forma mais atuante, ao negar a existência de um ser divino e partir para a materialidade existencial afirma a singularidade do ser material (cf. RATZINGER, 2005, p. 81).

Depois de se alcançar uma maturidade no assunto da unicidade de Deus, olhando mais o seu sentido filosófico da existência, precisa-se dar ênfase no comentário a partir da doutrina teológica.

Deste modo, o ponto de partida é o Credo, ou seja, o símbolo da fé. Aqui está o sentido de toda discussão, a fé professada em único Deus Onipotente, definida no Concílio de Nicéia, que arremete a mesma fé e crença do povo de Israel, uma vez que, os cristãos já acreditavam nesse Deus Uno. Não se trata aqui, como vai mencionar os que defendem o politeísmo que há uma adoração de pão, de erros e idolatria de poder, mas a profissão de fé de Israel é por assim dizer, uma declaração de guerra contra essa adoração tripla (cf. RATZINGER, 2005,p.83).

Nos tempos atuais, seguindo a mesma lógica do povo de Israel, muitos deixam as leis mundanas para se dedicarem a uma adoração plena e professar com firmeza a fé num único Deus, evitando qualquer outro tipo de idolatria ou coisa parecida, como muitos reis e imperadores queriam submeter os cristãos dos primeiros séculos.

Na realidade quando se fala de querer fugir de situações como estas, fala-se de evitar cultos a outros deuses, impedindo assim de cair em pecado de prostituição ou adultério. “Quando o homem se esquiva de Deus, são os deuses que o agarram; ele só consegue libertar-se permitindo que seja libertado e abandonando a ideia de sustentar-se a si mesmo” (RATZINGER, 2005, p. 83).

Percebe-se bem que a doutrina que defende a unicidade de Deus, não a faz baseada em argumentos vazios ou sem nexos, mas baseada com fundamento na Sagrada Escritura, sendo confirmada pela Tradição e interpretada pelo Magistério. Esses pilares são à base de tudo e qualquer argumento que defenda a fé. E as considerações que servirão para sustentar essa afirmação é fruto de muita reflexão e estudo ao longo da história que foram ganhando espaço.

2 UM DEUS QUE SE REVELA

Após tantas reflexões a respeito da existência de Deus, a pergunta que se levanta é porque preciso acreditar nesse Deus que ninguém nunca viu ou falou com Ele. A pergunta é capciosa, porém servirá como base para a reflexão desse capítulo.

A narrativa do Antigo Testamento mostra a forma de revelação dada por este Deus, que escolheu revelar-se a pessoa mais simples: Moisés. E da forma mais curiosa, no meio da Sarça Ardente. Claro que Moisés não viu a face de Deus, pois se visse morreria, uma vez que todo aquele que tivesse visto o rosto de Deus, não poderia continuar vivendo.

E como será conhecido esse Deus? O nome que será revelado será: “Eu sou”. No próprio diálogo entre Moisés e Deus, esse por sua vez, revela-se através desse nome. “Falarás assim aos filhos de Israel: O Senhor, Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó, enviou-me a vós. É Este o meu nome para sempre. É assim que me invocarão em todos os tempos” (RATZINGER, 2005,p. 88).

A imagem passada por tantos estudiosos a mercê de tais explicações nada mais é o que uma unidade entre fé e filosofia (cf. RATZINGER, 2005, p. 88). Devido a grande influência que os tradutores da Sagrada Escritura sofreram por parte do pensamento filosófico platonista, foi de fato comum a grande comparação da forma de agir de Moisés com o tipo de pensamento de Platão. Assim surgiram as várias perguntas, tendo como plano de fundo o porquê de Deus ter um nome. Foi algo que impressionou os estudiosos. E por isso toda essa problemática no pensamento.

A questão é que colocaram em igualdade o Deus dos filósofos e o Deus da fé. Ambos parecem ter a mesma dignidade. O que não levam em consideração é que um deles existe concretamente e o outro é fruto de uma imaginação. Na problemática são dois, mas na realidade apenas um, porém visto por um lado com outra visão.

O grande problema está em querer confundir o ser com a natureza. Em todos os casos, o nome de Deus revelado no teto sagrado tem a ver com o ser dele pouco a ver com a natureza. De modo que se torna difícil de ser explicado do mesmo jeito que o próprio Ser de Deus é inexplicável, uma vez que esse nome Javé parece ser um nome uma formulação israelítica (cf. RATZINGER, 2005,p. 90).

Uma das explicações mais levantadas é a que esse nome JAVÉ, tem sido criado a partir do aparecimento do povo, que se viu necessário uma identificação mais pessoal para distinguir esse Deus dos demais, já que se encontravam numa situação de estarem cercados por vários deuses.

Considerada digna de fé pelo fato de que identificando esse Deus como um Deus pessoal, que tem contato com o ser humano, sendo confirmado pela expressão “Deus dos pais”, como retrata a passagem da Sarça Ardente (cf. RATZINGER, 2005,p. 91).

Outro fator que ode confundir e matéria para discussões é o fato de juntarem um Deus local com o pessoal. Há grande diferença entre um Deus pessoal que vai ao encontro o homem sarar suas carências e feridas com o que é local, cuja experiência acontece em lugares específicos.

Ao observar esta afirmação deve-se levar em consideração que a experiência religiosa feita cria uma série de divindades, uma vez que cada lugar possui a sua. É aí que começa a confusão. Já houve provas da existência de um único Deus, porém com essa afirmação pode confundir. Porém não é possível ver nexos em um Deus local, pois ó existe em determinado local.

Aspecto claro para a defesa da tese da exclusividade de um único é o fato de não ser apenas um mensageiro ou portador de algo próprio, mas é mais que isso. É um ser supremo, o Deus da promessa, aquele que aponta para o futuro (cf. RATZINGER, 2005,p. 93).

Um ponto interessante é porque em nenhum lugar do Antigo Testamento se fala de um Deus trino, porém houve um processo muito claro que foi a transformação do nome singular para o plural: *EI – Elohim* (cf. RATZINGER, 2005,p. 93). Serve de base essa colocação, pois assim cada para a

compreensão do mistério trinitário, quebrando a mentalidade de um Deus solitário e reafirmando a presença de um Deus que é Criador, Redentor e Santificador.

Grande colocação a ser feita é a afirmação do termo “Deus dos pais”. Esse termo diferencia dos demais deuses, uma vez que os outros, não possuem a simplicidade que o Deus dos israelitas possuía. E o fato de demonstrar um mistério, faz com que esse Deus seja superior aos outros, de modo que cada um deles.

2.1 CONHECER PARA AMAR

Podemos ver claramente que para filosofia o nome não quer dizer muita coisa, pois o que levam em consideração é o que o ser, a essência diz, uma vez que ela mostra evidentemente o porquê algo é assim ou não. Porém para o povo de Israel o nome significava a fé em um Deus presente na vida de toda essa gente que veneravam com grande estima (cf. RATZINGER, 2005, p. 100).

A grande característica está no paradoxo em que há uma integração e unidade de ser e pessoa, ou seja, um se faz presente no outro. Assim torna-se acessível conciliar o uno indefinido com o uno pessoal (cf. RATZINGER, 2005, p. 101).

É fato que essa relação que surge transpõe a certeza de que há um Deus que mantém uma proximidade que não muda jamais. Este Deus tem sido visto por muitos como pai, o que quebra qualquer tipo de preconceito. Claro que essa concepção demorou muito para ser implantada nas mentes de cada um daqueles que viam Deus como um ser distante.

A realidade da época retrata o porquê de uma relação tão fria. O grande respeito que tinham, os impediam de ver Deus mais do que um simples ser que criou e que salva. A reflexão bíblica retrata a superação que veio ocorrendo aos poucos, mas que foi capaz de quebrar essas barreiras, mostrando o verdadeiro sentido da paternidade de Deus (cf. RATZINGER, 2015, p. 1).

Enquanto muitos tentam dar uma explicação racional, outros preferiram aderir ao lado mais sentimental da realidade. A existência de Deus passa a ter um novo sentido. Levou a humanidade a ter um novo conceito do ser de Deus. “A fé no Deus Todo-Poderoso nos conduz por caminhos muito diferentes” (RATZINGER, 2015, p. 2).

Outro grande ponto da presença de Deus na vida humana é o fato do amor incondicional que, este mesmo Deus tem para com a raça humana. Há uma busca intensa pela busca desse ser que na maioria das vezes o ser humano não se dá conta de contribui para a existência dele. Todavia, existem sinais que conduzam o homem a Deus e Deus ao homem. Sinais que demonstram uma dependência do homem a Deus (cf. RATZINGER, 2015).

A necessidade do homem por Deus é tão visível, que reflexos do passado mostram isso. No Ocidente em tempos antigos era muito comum a sociedade tida como cristã. O que dificultava a vida de muitos que se diziam ateus e não pensavam em acreditar na presença e existência de um ser que diziam que existia, mas que não podia ser visto e nem estudado, porque se tratava de um ser sobrenatural. Assim, estes, por sua vez, precisavam explicar o porquê da não crença neste ser.

Hoje a realidade mudou de figura. Aqueles que acreditam é que precisam provar a sua fé, de modo que se não conseguirem provar a existência, deverão esquecer-se de tentar convencer estes. O até então beato João Paulo II, descreve em sua Encíclica *Fides et Ratio*, ou seja, o quanto a fé precisava ser provada e passado por tantos constrangimentos e provações (cf. RATZINGER, 2015)

O mundo cotidiano conheceu uma espécie de secularismo, o que contribuiu muito para a não adoração a Deus. Assim o homem separado tornou-se uma espécie de uma única dimensão chamada dimensão horizontal (cf. RATZINGER, 2015).

O desejo do homem é a busca do que mais lhe satisfaz, de modo que a busca por algo que esteja acima de suas forças ou compreensão alcançarão algo sublime e que preencherá o espaço que ainda precisa ser preenchido.

Uma das grandes preocupações da sociedade hoje é a interferência no campo da liberdade, ou seja, que a religião crie uma mentalidade opressora e fictícia na mente humana, de modo que a sociedade já não tenha mais o controle da situação. Nesse sentido, afirmam a não existência de Deus, uma vez que não veem a ação dele e nem sentem sua presença. Muitos até se perguntam: onde está esse Deus que dizem existir? Porém o que não conseguem aceitar é o fato de estarem errados.

Para muitos a existência de Deus está presente simplesmente na cabeça de extremistas e daqueles que fizeram de sua religião um marco para viverem e que se nutrem dela. Não se aceita que possa existir alguém ou como dizem um ser que não se possa fazer experiência, que não se possa ver. A existência de Deus passou a ser mito.

Ele pode manifestar de qualquer maneira e em qualquer lugar. Falar de Deus na sociedade hoje é marginalizá-lo, ou seja, transformá-lo em uma espécie de 'política'. Está quase sendo um insulto falar de Deus. Uma vez que alegam que a sociedade está sendo enganada com uma verdade que existe apenas na cabeça de alguns (cf. RATZINGER, 2015).

O papa em um de seus comentários, afirma que ao ler um autor alemão contemporâneo, percebe o quanto há um embate no pensamento, de modo que não consegue chegar à clareza da existência de Deus, mas ao mesmo tempo não consegue aceitar o fato da não existência, e, além disso, não parece pouco, acredita na existência do inferno. Diz que tudo o que observa na televisão não passa de um "inferno" (RATZINGER, 2015, p. 2).

A grande questão é que o inferno nada mais é que o não estar de Deus, ou seja, onde Deus está o inferno não existe. Sendo assim, ele acentua a existência do inferno para não enfatizar a presença de Deus (cf. RATZINGER, 2015). O inferno existe onde não está Deus. Essa é a conclusão feita.

Uma situação que é bem clara nesses argumentos, e seguindo a linha do evangelho, pode-se observar que de Deus não se foi revelado nada tão objetivo do que quando Cristo se revelou ao mundo, de modo que nessa revelação ele mostra o Pai. Cristo dá-se a revelar o Pai, conectando sua

vontade a vontade do Pai.”Que todos sejam um como tu, Pai, estás em mim e eu em ti”(Jo.17, 21).

O fato da não aceitação de Cristo se faz presente nessa afirmação, uma vez que era motivo de escândalo para os judeus alguém que se assemelhasse a Deus, fazendo-se também Deus. Não foram capazes de aceitar essa realidade do Filho de Deus, e por isso não compreenderam o mistério deixado por Cristo.

Assim este Deus que é o Deus dos cristãos não é uma realidade inexistente e abstrata, mas algo concreto, embora seja puro espírito. Deus nunca foi uma realidade isolada, pois desde os primórdios que ele está em plena comunhão tanto com o Filho quanto com o Espírito Santo. Assim uma pessoa vive sempre em prol da outra, uma vive pela outra (cf. RATZINGER, 2015).

A fé em Deus permite um conhecimento, um aprender completo de quem é Deus, de sua pessoa. E o quanto vai se aprofundando nesse conhecimento vai se observando que não passa de algo superficial, mas de algo basicamente certo.

Deus não é um absurdo, não é algo que não seja possível acreditar. É mistério, isto é fato, mas não um mistério irracional, mas cumulado de uma superabundância de sentido, de verdade, de significado (cf. RATZINGER, 2015).

Ao aprofundar nesse tema pode-se perceber o quanto o tema é complexo, o quanto é um tema que retrata incertezas, e chegam a surgir até mesmo heresias, pois muitos tentam dar uma explicação que não existe ou que pensam que estão seguindo a linha de pensamento que a humanidade precisa.

Falar sobre o mistério trinitário, de uma forma sucinta é para poucos, uma vez que nem todos possuem discernimento e sensatez para tratar este tema. Aí está o porquê de discussões sem ‘pé nem cabeça’.

O mundo conheceu grandes pensadores, mas nem um deles foi capaz de falar da existência de Deus sem cair em heresias. Os que não caíram foram

os que não responderam ao tema de mistério, e sim compartilharam do ensinamento deixado pelo Filho, e deste modo, foram capazes de dar uma posição que se aproximasse verdadeiramente.

3 DEUS ONIPOTENTE

A Igreja primitiva estava em um embate sério, devido a grande influência grega da época. Sendo assim muitos filósofos começaram a ter um confronto com os defensores de um Deus que se acreditava pela fé.

Por causa de tantas controvérsias, no período primitivo, optaram pelo Deus dos filósofos, indo contra os deuses das religiões. Assim, não seguiam a um Hermes ou Júpiter, mas a um Deus que, até então, não o conheciam e nem sequer sabiam de seu poder (cf. RATZINGER, 2005, p.103).

O que se quer afirmar é que não mais havia espaço para uma diversidade de deuses, mas aquele ser supremo que era tido como desconhecido estava começando a ser lembrado e adorado. A partir daí começa a destruição de todo um campo mitológico grego, ou seja, dão lugar a uma nova realidade: religião da antiguidade. Essa por sua vez tenta unir a fé com a razão, porém encontra grande impossibilidade devido o drama existente entre filosofia e religião (RATZINGER, 2005, p. 104-105).

Como se não bastasse à contrariedade entre a existência de um Deus e de vários deuses, o ponto passou a ser uma divisão dentro da própria Trindade, ou seja, não se contentando no arquétipo de uma visão distorcida em relação a fé, não obtendo tanto sucesso, começaram um embate entre o Pai e o Filho, de modo, que um não existe no outro.

Tanto é que deram ênfase a uma cristologia reduzida, uma vez que fazem o filho ser reduzido a um simples homem, desmerecendo sua natureza divina, e esquecendo de vez a figura paterna. Aqui não só deixa-se claro a não aceitação de quem é Deus, como também não podem aceitar a existência de outro ser presente nesta natureza. Resumindo: volta ao termo uma antiga heresia do arianismo de negar a divindade de Cristo (RATZINGER, 1985, p. 63).

A figura paterna ficou totalmente obscurecida devido à má impressão que o termo pai, segundo uma linha psicológica deixou. Não obstante dessa realidade ainda se faz menção de como um Deus pode ser pai se ele permite o

sofrimento, a angustia, a dor. Claro que para que uma interpretação como esta exista é porque não souberam interpretar a Sagrada Escritura do jeito certo de ser.

Além do mais, não se consegue entender como podem ter uma mentalidade tão distorcida e ao mesmo tempo querer dar uma resposta a uma realidade que já foi definida, mas que não agradou a muitos.

Foi visto a grande e inevitável contradição entre fé e razão, de modo que a religião ficou tão fraca que começou a dar espaço para o mito e desprezando o logos, ou seja, o Evangelho. Além de tudo a antiguidade se baseou em três pilares: física, política e mítica (RATZINGER, 1985, p. 106).

O Deus que até então era tido apenas como o Deus dos filósofos começa a mudar de cara, conferindo um conceito, particularmente novo. Orações eram pronunciadas, o pensamento estava totalmente mudando. O Deus dos filósofos transformava-se em Deus dos homens.

Começa a encontrar um Deus que não é caracterizado simplesmente com conceitos matemáticos, pois num novo momento esse ser passou a ter paixões como um ser humano, a se alegrar. “Esse Deus tem coração, ele ama com toda a excentricidade típica de uma pessoa que ama” (RATZINGER, 1985, p.109).

Desta forma é possível ver com mais clareza o desenvolvimento sofrido por essa espiritualidade em que Deus passa a ser mencionado e lembrado mais como um Deus que ama e salva.

O crer em Deus passou a ser tido como uma crença que tirava a paz de muitos, uma vez que não eram tão capazes de obter uma clareza no pensamento e chegar a uma posição mais certa do que as que estavam surgindo.

O falar com Deus começa a ter uma conotação mais firme no sentido que para tocar no assunto de defender ou atacar essa tese da existência de Deus, precisava ter uma ‘bagagem’ muito boa, porque se não obtivessem isso, poderiam cair em inutilidade o que se queria expressar. Aqueles que defendiam

a não existência de Deus deveriam argumentar e ter argumentos convincentes. Do mesmo modo quem defendia sua existência, deveriam apresentar uma dinâmica perfeita para essa defesa.

Falar de Deus, quer dizer, antes de tudo, ter bem claro o que devemos levar aos homens e mulheres do nosso tempo: não um Deus abstrato, uma hipótese, mas um Deus concreto, um Deus que existe que entrou na história e está presente na história; o Deus de Jesus Cristo como resposta à pergunta fundamental do porquê e do como viver (RATZINGER, 2013, p. 43-44)

O que ainda não entra na cabeça de alguns é o fato de que Deus não é uma concorrência ao homem, até porque isso seria impossível, mas o seu verdadeiro colaborador, aquele que não visão dos mais cristãos o refúgio inusitado da fé, ou seja, aquele que está por dentro de tudo, que alcança tudo (RATZINGER, 2013, p. 47).

Mas a grande pergunta que muitos fazem e que não se cala é; onde está Deus? Onde encontramos Deus? Onde se fala de Deus?

A resposta parece complexa, mas não é. Deus está presente a todo o momento, em todo lugar, sendo ele onipresente. Ele se faz presente em toda a criação. Nada acontece no mundo se não houver uma intervenção do criador do universo que religiosamente atribuímos o nome de Deus para os cristãos, autor da natureza para os filósofos, que no fundo não passa da mesma pessoa.

Encontramos Deus na Sagrada Escritura, embora considerada um livro de ficção para muitos, mas o relato da história da Igreja e do cristianismo. “A Bíblia inteira narra o revelar-se da humanidade; toda a Bíblia fala da fé” (RATZINGER, 2013, p. 21).

Afirmar a crença em Deus é afirmar que adora a um ser, que na visão da sociedade hoje, não passa de pura ficção e puro espírito que não se sabe se existe verdadeiramente, pois não se pode ver nem tocar, nem cheirar, ou seja, não se podem fazer experiências de nenhuma espécie, já que não se há matéria para análise.

É um sair de si para crer naquilo que a primeira vista não é possível ver a olho nu, porém que apenas com os olhos da fé se é possível ver. Isto é a certeza de que se pode viver a presença de Deus na vida humana (RATZINGER, 2013, p. 25).

A visão de Deus pode e supera qualquer tipo de visão existente. E aqui não se está falando de ver do rosto, mas com os olhos sobrenaturais. Ou seja, o conhecimento de Deus é algo infinito, que não possui começo, nem meio, e nem fim. Conhecimento que supera todo e qualquer conhecimento humano (DANKL, 2015, p. 17-19).

3.1 O DESEJO DO HOMEM POR DEUS

Todo ser humano tem por praxe uma busca da verdade, de curiosidade, de alcançar o cerne de sua vida, o entender tantas coisas. Por mais que queira dar respostas para tudo, chega a um ponto que não obterá respostas por meio da razão, é onde entra o campo da fé.

Na busca pela verdade, o homem se depara com o 'logos', ou seja, com a Palavra que trás em si a verdade que o preenche a vida humana. É dar com clareza o entender do pensamento. A fé está voltada para está verdade, uma vez que o próprio ser é a verdade (RATZINGER, 2005, p. 114)

Tudo o que está ligado ao homem tem como ponto de partida essa Verdade. Basicamente todas as coisas ao se realizar possuem algo por trás para acontecerem, assim o que reflete no pensamento humano já havia sido pensado antes num pensamento superior.

A fé em Deus não é algo para poucos, ou seja, não é privilégio de escolhidos. Deus não pertence a um fã clube dos que lhe adoram, e é inimigo declarado dos que o odeiam. Mas ao contrário, é um Deus libertador, um Deus que pertence a todos que o quiserem.

Seguindo esta linha é fato de que o homem tem necessidade de Deus e o busca com total empenho quando descobre isto. O Cardeal Ratzinger relata muito bem isso na entrevista concedida a Paolo Flores:

Estamos convencidos de que o homem precisa conhecer Deus, estamos convencidos de que em Jesus surgiu a verdade, e a verdade não é propriedade privada de alguém: deve ser compartilhada, deve se conhecida (RATZINGER, 2009, p. 27).

Observa-se que o Cardeal é bem sucinto em sua resposta. Não se permite vagar no pensamento. Mostra objetividade e clareza no que pensa e na forma como expõe o pensamento. Deus para ele é um ser necessário e que o homem nada pode sem ele, sem sua presença.

Enfatizam muito o escândalo da cruz, da fé, da experiência que os primeiros cristãos vivenciaram no passado e que o levaram a estar mais firmes em suas convicções. Tudo isso serviu para imergir e suscitar no coração de cada um deles essa espera por Deus e esse desejo de falar de Deus aos outros que ainda não haviam feito essa experiência.

Claro que hoje o público mudou, a maneira de mudar mudou um pouco, mas o desejo de entender certas coisas que parecem absurdas não mudou. Ao contrário cresceu e muito o número daqueles que tem uma sede grande de conhecimento. Fato que precisam ser formadas em suas consciências e razões (RATZINGER, 2009, p. 31).

Segundo o pensamento dos cristãos dos primeiros séculos, não pensavam em abandonar a fé nesse Deus mediante as dificuldades, mas viam que não possuíam nada em relação a outras religiões. Eram firmes em suas opiniões.

E a novidade do cristianismo, segundo esses padres, é que esse mesmo Deus oculto, pressentido, depois se manifesta, e naturalmente ultrapassa radicalmente tudo o que se podia 'saber' e, apesar disso, demonstra-se em unidade com essa busca humana (RATZINGER, 2009, p. 34).

Nesse aspecto se percebe que dentre tantas formas de expressar a realidade vivida, a convicção objetiva é a que mais se aproxima, pois se torna claro que é fruto do aspecto subjetivo, de modo que todo efeito só é possível por uma causa (RATZINGER, 2005, p. 116).

A fé cristã em Deus significa, na verdade, que as coisas são ser pensado a partir de uma consciência criadora e de uma liberdade criadora, e que aquela consciência criadora que sustenta todas as coisas deu ao ser pensado a liberdade de um ser próprio e autônomo. Nesse aspecto a fé ultrapassa todo e qualquer idealismo puro (RATZINGER, 2005, p. 117).

Deus vem ao encontro do homem com um intuito. Esse intuito nada mais é que a resposta de um chamado feito pelo próprio Deus. Deus que se mostra ao povo escolhido como Pai e Senhor da humanidade (RATZINGER, 2005, p. 122).

Mediante a tantas correntes que contrapõe a história da cristandade, há, sem dúvidas, aquelas que mais perseguem essa realidade cristã. O mundo conhece somente o que pessoas vinculadas a vários tipos de correntes. Não se baseiam em argumentos e provas, mas apenas em experiências. O que dificulta bastante a busca por respostas.

Nessa realidade vivida, percebe-se que a grande procura por uma resposta não permite ver o que se tem além. Cabe a cada um fazer uma reflexão de todo o emaranhado doutrinal e buscar de uma forma mais sólida uma conclusão que seja favorável. Assim deixa de lado toda uma especulação que, na maioria das vezes, não chega a lugar nenhum.

Essa existência de Deus não pode ser vista simplesmente como se vê uma pessoa física, mas é algo além, sobrenatural. E o homem tem muito a ver com ele, pois tem sua dependência nele. Nada do que o homem faz não faria sem intervenção dele. Deus o escuta em suas lamúrias e o responde num ato de misericórdia total (RATZINGER, 2007, p. 92).

3.2 DEUS UNO E TRINO

O mistério da Santíssima Trindade é o mistério primordial da nossa fé, pois toda a realidade da existência do mundo, juntamente com o desenvolvimento cristão que a sociedade e o povo foram adquirindo com o passar do tempo. Nada do que fora revelado não aconteceu por um simples ar

do destino, mas tudo já estava preparado para acontecer no momento certo, na hora certa.

De todas as verdades da fé essa é considerada como fonte de todo conhecimento e reflexão. “Toda a história da salvação não é senão a história da via e dos meios pelos quais o Deus verdadeiro e Único, Pai, Filho e Espírito Santo, se revela, reconcilia consigo e une a si os homens que se afastam do pecado” (AQUINO, 2013, p. 54).

Toda essa especulação que ocorre acontece pelo fato de uma não aceitação de dogmas propostos já em Concílios passados, de modo que cada Concílio tratou uma realidade específica de cada pessoa da Santíssima Trindade. Exemplo que vemos é o VI Concílio de Latrão que expõe com evidência a mesma natureza para as três pessoas, de modo que fica claro que pessoas diferentes com a mesma substância (AQUINO, 2013, p. 55).

Não há uma divisão no aspecto substancial, ou seja, não existe afirmar que há um Deus assim, o outro assim e o outro assim, de modo que haja três deuses, mas ambas compartilham a mesma natureza sendo cada uma das pessoas divinas por inteiro. O grande problema de muitas heresias é o fato de alavancarem tanto as pessoa do Pai e deixarem de lado e até negarem a pessoa divina do Filho e por consequência a do Espírito Santo. Assim excluem por completo a afirmação de que Cristo seja realmente como os cristãos afirmam e defendem com toda fé.

Há a distinção bem real nas pessoas que são expostas pelos padres da Igreja, de modo que seja possível ver com clareza cada pessoa individual. Assim vemos que o Pai possui suas atribuições de Pai e de ser o único que realiza as ações ativas e não passivas, ou seja, gera e não é gerado, envia e não é enviado. O Filho por sua vez realiza as duas funções de ser gerado e de ser enviado e de junto com o Pai enviar. O espírito Santo já realiza apenas a função de se enviado.

A realidade da Santíssima Trindade está presente em toda ação da Igreja. Quando se batiza, batiza em nome dão Pai e do Filho e do Espírito Santo. Tudo isso enfatizado pelo próprio Cristo em seu Evangelho quando diz

que o ele e o Pai são um. Nesse sentido se pode utilizar dessa afirmação para dar uma resposta às objeções feitas.

Como afirma São Justino ao imperador Antonino Pio:

Os que são batizados por nós são levados para um lugar onde haja água e são regenerados da mesma forma como nós o fomos. É em nome do Pai de todos e Senhor Deus, e de Nosso Senhor Jesus Cristo, e do Espírito Santo que recebem a loção da água. Este rito foi-nos entregue pelos apóstolos (RATZINGER, 2007, p. 60).

Em todo o anúncio feito por Cristo durante toda a narrativa do Evangelho, tudo é voltado para Deus, o Pai, que compõe todo o discurso de Cristo, seja através das parábolas seja nos ensinamentos que proferia durante todo o tempo que esteve na terra.

A exigência da fala terrena sobre Deus, antes de mais nada, já parece justificada pelo fato de que se possa apelar para a circunstância de que também a Bíblia fala de “terreno” sobre Deus. Isaías propõe aos ouvintes uma tirada sobre a vinha má. Uma realidade mundana. E assim fala de Deus. É verdade que, para não afirmar a verdade só pela metade, agora se deve perguntar também: de que modo o discurso terreno se torna anúncio de Deus? A tirada se torna um enigma e este está construído de tal modo que no fundo não é um enigma, mas um grito de revolta, de acusação contra um povo que gozou de toda a bondade de Deus, sendo uma única desilusão para ele (RATZINGER, 2007, p. 102).

Toda a Sagrada Escritura serve como apoio e resposta para afirmar-se a respeito de Deus. Em todas as entrelinhas a mensagem fala a respeito de todo bem realizado por Deus ao povo em vista de tudo o que o povo fez com ele. Fala-se muito de alguns atributos entre eles o da ser misericordioso. Usa de misericórdia para os que precisam de misericórdia.

Ao povo de Israel Deus se revelou como apenas um Deus, de modo que falou a eles que não existiria outro deus além dele. Os outros não são extensões dessa imagem e desse Deus que tantos tentaram excluir da mentalidade cristã.

Cristo mesmo confirma que Deus é o único Senhor e que é preciso dar a devida glória a ele com toda a força do coração e da alma, pois cabe ao homem dar a devida honra a Deus. Dar a Deus o que lhe é seu por direito (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, p. 202).

O homem foi criado à imagem e semelhança do Criador e por isso trás em si esse reflexo de belo da criação. Essa imagem não se observa simplesmente pelo lado externo, mas interno de modo que o interior do homem é quem dará esse testemunho de ser imagem de Deus. Não é quem homem e mulher tenha uma imagem de Deus em si, mas são essa verdadeira imagem desse mesmo Deus. Trazem em sua unidade corporal esse reflexo divino (SCRIPTA THEOLOGICA, 2013, p. 741).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar mais este trabalho pôde-se observar o quanto este tema ainda precisa ser estudado com mais profundidade para que se alcance uma objetividade no pensamento, e evitar maiores danos na teologia como nos últimos tempos tem surgido. Não é fácil estudar e delimitar o desenvolvimento de um tema tão complexo como o da Trindade, porém seguindo uma linha confiável de pensamento torna-se mais afável o aprofundamento.

O Cardeal, mesmo em sua grande inteligência e eloquência, soube caracterizar e dar uma simplicidade a este assunto que garante grandes debates e discussões. O fato é que Ratzinger se preocupava com o aprendizado da teologia e o modo como passaria a seus antigos alunos e agora como Papa aos seus fiéis.

Dar evasão a um só aspecto do campo teológico e especulativo como essa matéria, nunca foi o foco de Ratzinger. Seu desejo era transmitir com fidelidade a doutrina cristã contribuindo para no desenvolvimento da fé. Enquanto grandes pensadores deram ênfase em suas verdades subjetivas, ele abraçou o campo da fé com entusiasmo e esmero.

É fato que nunca se conseguirá alcançar a explanação e nem limitar este campo especulativo, uma vez que mistério não se explica, mas se acredita e vive. Crer em Deus e crer naquele que criou a humanidade e crer que tudo ele pode, pois para Deus nada é impossível.

Que este trabalho contribua para o bem da Igreja em sua simplicidade, sobretudo para levar os alunos e leitores a adquirirem o gosto pelo estudo e aprofundamento de conteúdos. Levar a cabo o verdadeiro sentido do estudo, ensinando a doutrina e renovando a mentalidade humana desta sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Felipe. *Os Dogmas da Fé, A Doutrina Católica*. 3ª ed. Lorena; Editora Cléofas, 2013.

BENTO XVI, Papa. *Catequeses do Papa Bento XVI. Sobre o Ano da Fé*. 1ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2013. 16 v.

_____. *Catequeses do Papa Bento XVI. Sobre o Ano da Fé*. 1ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2013. 17 v.

BÍBLIA SAGRADA. 38ª ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2002.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola; 2000.

DANKL, Pe. Andreas. *Dogmas da Fé*. Anápolis; Livraria e artigos religiosos São Gabriel, 2015.

RATZINGER, Joseph (Papa Bento XVI). *Deus Existe?* Tradução: Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2009.

_____. *Diálogos sobre a fé*. Tradução: Padre Fernando José Guimarães CSSR. 1ª ed. Lisboa: Editora Verbo, 1985.

_____. *Dogma e Anúncio*. Tradução: Pe. Antônio Steffen, SJ. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. *Introdução ao Cristianismo*. Tradução: Alfred J. Keller. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SCRIPTA THEOLOGICA. Revista de La Facultad de Teología de La Universidad de Navarra. Pamplona, 2013.

BENTO XVI. Catequeses. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com>>
Acesso em: 12 de maio de 2015.

RATZINGER, Joseph. *Homilias*. Disponível em: <<http://carlospessdom.wordpress.com>> Acesso em: 12 de maio de 2015.

_____. *Catequeses do Papa* <www.derradeirasgraças.com> Acesso em: 12 de maio de 2015.

_____. *Homilia da Papa no domingo da Santíssima Trindade* <<http://pilulasliturgicas.blogspot.com.br>> Acesso em: 12 de maio de 2015.